

II PARTE: MEMÓRIA E INVENÇÃO NO “CONDE CLAROS EN HÁBITO DE FRAILE” DA TRADIÇÃO ORAL MODERNA PORTUGUESA

Um romance muito bem documentado

Após ter proposto uma visão panorâmica sobre a Tradição Antiga do “Conde Claros”, detenho-me doravante na Tradição Oral Moderna Portuguesa, focalizando o meu estudo no romance “Conde Claros en hábito de fraile”.

Contrastando com a tímida e fugaz comparência de “A caza va el emperador” no *Cancionero de romances*¹, romance que, como já afirmei, constitui o seu antepassado directo, “O Conde Claros en hábito de fraile” tem sido abundantemente recolhido da Tradição Oral Portuguesa. Em meados do século XIX já Garrett publicava uma versão um pouco retocada². A partir desse momento em que o interesse pelo Romanceiro desponta de novo, e até aos nossos dias, foram dadas à estampa cerca de duzentas versões pertencentes a este tema³. Esta preferência pelo “Conde Claros en hábito de fraile” por parte da Tradição Moderna é atestada por Braulio do Nascimento, que, incluindo no seu universo estatístico versões do “Conde Claros preso”⁴, conclui que o primeiro tema é esmagadoramente predominante na tradição portuguesa face ao último, representando 75% da população⁵. Confrontando a pequena expressão que “A caza va el emperador” teve na imprensa do século XVI

¹ A fortuna editorial deste romance encontra-se na página 17 da I Parte.

² Cf. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, *Romanceiro II*, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1851, pp. 192-203.

³ Cf. Pere Ferré e Cristina Carinhas, *Bibliografía do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*, Madrid, Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal - Universidad Complutense de Madrid, 2000, pp. 26-31.

⁴ Adiante farei uma breve referência ao comportamento da crítica, que insiste em tratar os romances “Conde Claros en hábito de fraile” e “Conde Claros preso” como um todo. Não é de estranhar, portanto, a inclusão dos dois temas num mesmo estudo estatístico.

⁵ Cf. Braulio do Nascimento, “‘Conde Claros’ na tradição portuguesa”, *Quaderni portoghesi 11 - 12. Primavera - Autunno*, 1982, p. 169.

com a popularidade inquestionável de que o seu descendente goza na Tradição Oral Moderna (não só a portuguesa), várias questões nos podem assaltar.

Reflectindo um pouco, não esqueçamos, em primeiro lugar, que o romance velho que nos chega através da imprensa pode não se encontrar muito distanciado da Tradição Oral da época, ou melhor, o fraco êxito editorial do romance aliado a uma elaboração discursiva mais pobre, podem ser indicadores de uma poesia mais distanciado dos cânones literários de corte do que o “Media noche era por filo”. Se atendermos ao inquestionável êxito que o “Conde Claros en hábito de fraile” constitui na Tradição Moderna, é-nos permitido conjecturar que, porventura, talvez já na época o romance usufruisse de uma considerável notoriedade junto dos meios populares.

Por outro lado, temos um fosso de dois séculos a separar as impressões do romance antigo e as primeiras recolhas da Tradição Oral Moderna. Durante esse período em que não há quaisquer notícias do velho “A caza va el emperador”, certamente que o romance passou por um processo incessante de adaptação ou reformulação, inerentes à sua vida tradicional. Desconhecemo-los por completo. Nem temos, tão-pouco, conhecimento de quaisquer referências ao romance em obras de outros autores, tal como sucede com o “Media noche era por filo”. E eis que o século XIX nos revela um romance reestruturado, dotado de uma nova roupagem, a que chamamos “Conde Claros en hábito de fraile”.

Face a um número tão elevado de versões⁶, vi-me impelida a seleccionar um *corpus* de trabalho, na impossibilidade de efectuar um estudo aturado de todas as versões. Assim sendo, o estudo da Tradição Oral Moderna Portuguesa terá por base 128 versões editadas⁷ do “Conde Claros en hábito de fraile” e 23 versões inéditas⁸, perfazendo um *corpus* de 151 versões no total.

A escolha de cada versão do *corpus* fundamenta-se, pois, em critérios bem delineados. Tendo definido áreas geográficas que correspondem à divisão oficial em distritos (com a consciência de que se trata de uma divisão absolutamente artificial, mas simplesmente operativa), foi meu objectivo eleger textos que dessem conta de todas as contaminações possíveis dentro de cada área. Foram preteridas versões que denotassem um burilamento discursivo significativo ou que manifestassem uma reelaboração notória por parte do seu editor no que respeita à sua estrutura temática. Ao se afastarem da Tradição Oral, estes textos deixam de exercer um papel determinante num estudo que incida sobre a vida tradicional de um romance. Por exemplo, de fora ficou a versão do “Conde Claros en hábito de fraile” dada a lume por Garrett⁹, por considerá-la inoperante devido ao elevado grau de intervenção por parte do editor que denota.

⁶ Para além das versões editadas do “Conde Claros en hábito de fraile”, o Arquivo do Instituto de Estudos sobre o Romancero Velho e Tradicional conta com cerca de noventa versões inéditas deste romance, número que inclui os textos em que este tema surge apenas enquanto contaminação. No total, foram já recolhidas da Tradição Oral Moderna Portuguesa perto de três centenas de versões do romance, facto que demonstra a sua grande popularidade.

⁷ A bibliografia das versões editadas encontra-se em apêndice bibliográfico, entre as páginas 129 e 147, e está organizada segundo a *Bibliografia do Romancero Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*, pp. 26-30, ou seja, siga a numeração que é dada nesta obra a cada versão, numeração essa que utilizarei para me referir a cada uma delas.

⁸ Os textos inéditos encontram-se depositados no já mencionado Arquivo do Instituto de Estudos sobre o Romancero Velho e Tradicional, que gentilmente me permitiu a sua consulta.

⁹ Vide nota 2 da II Parte. Trata-se de uma versão factícia, montada por Garrett a partir de versões que lhe chegaram de diversas regiões.

Foram ainda expurgadas do *corpus* versões que, por reproduzirem o modelo de uma determinada região, nada de novo trariam à investigação. Tal é o caso da grande vulgata do Baixo Alentejo. Para um modelo regional tão consistente do ponto de vista estrutural e discursivo, tornar-se-ia redundante a escolha de um grande número de textos.

Isto não se aplica se estivermos perante versões que, se do ponto de vista da estrutura temática se inserem plenamente no(s) modelo(s) da sua região, no que concerne ao discurso apresentam elementos inovadores, os quais, muitas vezes, podem contribuir para uma nova interpretação semântica do romance, facto este que não pode ser descurado. Com isto não subscrevo, contudo, a incorporação de versões que aparentem, de forma manifesta, ser o resultado de lapsos de memória ou confusão por parte do recitador. Esses textos não podem reflectir uma tradição e, por isso, foram por mim preteridos e afastados do *corpus*.

A Tradição Moderna entre a permanência e a recriação

Proponho, então, um olhar diacrónico sobre estes textos tradicionais, nunca perdendo de vista que estas versões romancísticas têm um passado que não pode ser negligenciado, que a versão cantada num determinado momento carrega às suas costas o peso de séculos de vida, fruto da criação do “autor-legión”¹⁰.

Não obstante, e ao invés do “tradicionalismo historicista” de Menéndez Pidal que se debruça sobre “los lazos ocultos que unen la tradición oral moderna a la

¹⁰ Diz-nos Menéndez Pidal, a propósito do conceito de “autor-legión”: “En suma, el romance es anónimo, no porque se haya olvidado el nombre del autor, como dice la reacción antirromántica, sino porque es obra de muchos autores que profesan el anonimato, no simultáneos (huelga decirlo), sino sucesivos. Es anónimo porque su autor no puede ser nombrado; su único nombre sería Legión o su sinónimo, Ninguno.” (*Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardi)*, Teoría e História, tomo I, Obras Completas de R. Menéndez-Pidal, IX, Madrid, Espasa-Calpe, 1968, pp. 49-50 [1ª ed. 1953]).

antigua y la tradición romancística a la tradición épica o a los sucesos históricos”¹¹ e que procura, ao fim e ao cabo, reconstruir a inacessível Tradição Oral Antiga, devemos ter em mente que o valor poético dos textos modernos não depende do seu grau de fidelidade ao texto antigo¹². A Tradição Moderna, ainda que unida por laços genealógicos à Tradição Antiga, jamais poderá ser vista pela crítica como uma imagem deturpada e empobrecida do Romancero medieval, posição que Diego Catalán sintetiza de forma sublime:

Las diferencias entre el romancero antiguo y el moderno no responden a la existencia de dos tipos de actividad tradicional, una ‘aédica’, propia de la edad áurea (siglos XV-XVII), edad fundamentalmente creadora, y otra ‘rapsódica’, característica de los tiempos modernos (siglos XVII-XX), en que los recitadores, pertenecientes sólo al vulgo menos ilustrado, se limitan a repetir lo antes poetizado o a introducir inhábiles retoques, invenciones y contaminaciones para remediar sus olvidos o para satisfacer sus deseos de novedad.”¹³

O Romancero da Tradição Oral Moderna sobre(vive), portanto, sob a acção de duas forças dialécticas: num pólo encontra-se o incessante labor da criatividade popular, que “trabalha” o romance, adaptando-o ao seu gosto e ao seu tempo através de novas contaminações, novos motivos, novas fórmulas¹⁴; no pólo oposto está a rigidez de uma poesia transmitida de memória em memória. O “autor-legión” retém da tradição os elementos discursivos e fabulares que lhe continuam a fazer sentido e, conseqüentemente, mantêm a sua funcionalidade: “ Cada poema fugaz de

¹¹ Crítica efectuada por Di Stefano e Bénichou *apud* Diego Catalán, “Memoria e invención en el romancero de tradición oral. Reseña crítica de publicaciones de los años 60 (1970-71)” in *Arte poética del romancero oral – parte 1ª. Los textos de creación colectiva*, Madrid, Siglo Veintiuno Editores, 1997, p.50.

¹² Cf. Bénichou *apud* id., *op. cit.*, p. 72.

¹³ Id., *op. cit.*, p. 60.

¹⁴ A **variante** é, aliás, encarada pela crítica como o elemento que torna lícito que um texto tradicional permaneça vivo ao longo dos tempos. “Na verdade, está na variante o componente vivificante da recriação ou da atualização na literatura oral; porém, em si mesma, ela não tem força de preservação do texto. Ela renova, atualiza constantemente o texto tradicional, possibilitando que um romance cantado no século XVI, mantenha interesse ainda hoje (...)” (Braulio do Nascimento, “Literatura oral: limites da variação” in *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOIL*, Caxambu, Minas Gerais, 12-16 de Junho de 1994. João Pessoa, vol. I, 1995, p. 452).

la literatura oral debe su calidad poética tanto a la capacidad retentiva de la tradición como a la capacidad renovadora”¹⁵.

Clarificados os pressupostos teóricos que orientam o entendimento dos textos modernos portugueses, faço notar, uma vez mais, a relevância que assume a adopção de uma perspectiva diacrónica, aplicada, agora, ao nosso “Conde Claros”. Muito frequentemente, o “Conde Claros” é encarado, pela crítica, com uma certa perplexidade, tendo em conta as múltiplas hipóteses de contaminação de que se reveste, sendo que a tradição portuguesa é disso um excelente exemplo¹⁶. Seguindo as palavras de Braulio do Nascimento na abertura do seu estudo dedicado ao “Conde Claros” na Tradição Portuguesa, “O emaranhado de contaminações no romance do *Conde Claros* torna difícil seu estudo como um todo em cada versão.”¹⁷, o que leva o crítico brasileiro a epitetar o “Conde Claros” de “texto-mosaico”¹⁸.

Todavia, penso que a problemática que envolve o “Conde Claros” (refiro-me à Tradição Portuguesa) advém precisamente do facto de não ser legítimo falar-se do “Conde Claros” na Tradição Oral Moderna, mas de **dois** romances distintos, tal como empreende o *Índice General del Romancero Pan-Hispánico*: o “Conde Claros en hábito de fraile” (objecto deste estudo) e o “Conde Claros Preso”. O que, por norma, a investigação realizada pela crítica de cariz semiótico revela é uma fusão dos dois romances, apoiando-se nos seguintes aspectos: a) as personagens principais são as mesmas (o Conde Claros e a Infanta); b) os programas narrativos coincidem, apenas com a diferença de que, nuns textos, é o conde a ser condenado e, noutros, é

¹⁵ Diego Catalán, *op. cit.*, p. 72. Segue o autor: “ Si la renovación explica la eterna actualidad temática y poética de los romances dentro de la sociedad que se recrea repitiéndolos, la fidelidad al legado tradicional pone de relieve que los relatos romancísticos, a diferencia de otros géneros de poesía adscritos a un tiempo y dependientes de una moda, tienen para los cantores del romancero el atractivo de evocar una «edad dorada» atemporal, en que los dramas de la vida humana se desarrollan en un ambiente de superior poesía.” (id., *op. cit.*, p. 73).

¹⁶ Mais à frente terei a oportunidade de especificar quais os romances contaminadores.

¹⁷ Braulio do Nascimento, “ ‘Conde Claros’ na tradição portuguesa”, p. 139.

¹⁸ Cf. id., *op. cit.*, p. 145.

a infanta¹⁹. Estes aspectos parecem mais do que suficientes para justificar que investigadores de grande mérito elaborem, nos seus trabalhos dedicados ao “Conde Claros”, uma listagem dos episódios ocorrentes tanto no “Conde Claros em hábito de fraile”, como no “Conde Claros Preso”, sabendo que há episódios que se excluem mutuamente²⁰. Trata-se do estabelecimento do “*récit-type*”, o qual apresenta as múltiplas hipóteses de combinação em potência²¹, onde cada versão é encaixada. Desta visão resulta, pois, uma concepção fragmentarista do romance, o que, a meu ver, transforma o “texto-mosaico” em “texto-enigma”, por força do emaranhado de fragmentos que, assim sendo, compõe cada versão tradicional. Considero, de facto, que a complexidade que envolve os textos do “Conde Claros” da Tradição Oral Moderna Portuguesa pode residir, precisamente, na abordagem exclusivamente sincrónica que a crítica lhe dedica. Creio que uma das chaves (não *a* chave) para a

¹⁹ João David Pinto-Correia não advoga a existência de um só romance, mas a existência do “ciclo do Conde Claros”. Contudo, na prática, o ciclo é entendido e trabalhado enquanto unidade. (cf. “Le cycle des romances du Conde Claros: proposition de systematisation” in “Le cycle des romances du Conde Claros: proposition de systematization” in AAVV, *Litterature Orale Traditionnelle Populaire – Actes du Colloque de Paris, 20-22 Novembre 1986*, Lisboa / Paris, Fundação Calouste Gulbenkian / Centre Calouste Gulbenkian, 1987, p. 302.)

²⁰ Refiro-me ao estudo de João David Pinto-Correia citado na nota anterior e ao estudo de Braulio do Nascimento citado na nota 5 desta II Parte. Braulio do Nascimento reconhece, na página 160: “(...) o alinhamento dos 29 episódios [contabilizados no total] não possibilitaria reproduzir um texto coerente, sobretudo porque abrangem os diversos tipos do *Conde Claros*.”

²¹ Com base na elaboração desta matriz, o “*récit-type*”, João David Pinto-Correia subdivide o “ciclo” em seis romances: o “Conde Claros insone”, o “Conde Claros condenado”, o “Conde Claros enamorado”, o “Conde Claros gabarola”, o “Conde Claros apostador” e uma contaminação com “A erva ou a água fecundante”. (cf. João David Pinto-Correia, *op. cit.*, p. 310.) Observamos, facilmente, que esta fragmentação é devedora, por sua vez, do facto de se ignorar a questão da contaminação. Como a análise dos textos confirmará, o que o autor denomina “Conde Claros gabarola” não passa de uma contaminação com outro romance, a “Aliarda”, e que o “Conde Claros apostador” consiste na contaminação com “A aposta ganha”. Não posso deixar de apontar, contudo, uma incongruência na posição do analista semiótico português: se, por exemplo, o “Conde Claros apostador” é considerado um romance pertencente ao ciclo e não o fruto de um processo de contaminação, não faz sentido que “A erva ou a água fecundante” seja entendida enquanto contaminação, visto tratar-se de uma situação idêntica. Segundo esta perspectiva, cada versão é constituída por uma série de pequenos fragmentos que, ao serem agrupados, passam a produzir sentido.

Já Braulio do Nascimento opta por seguir a designação do *Catálogo-Índice* do Romanceiro Judeu-espanhol, que divide o “Conde Claros” em “Conde Claros y el emperador”, “Conde Claros y la princesa acusada”, “Conde Claros insomne” e “Conde Claros fraile”, apontando as relações estabelecidas entre cada um deles e os textos antigos (cf. Braulio do Nascimento, “‘Conde Claros’ na tradição portuguesa”, pp. 140-141.). Observamos que, ao contrário de João David Pinto-Correia, o crítico brasileiro concebe a acção das contaminações no “Conde Claros”, pois aponta uma listagem das suas possibilidades combinatórias. (cf. *id.*, *op. cit.*, pp. 142- 145.).

resolução do enigma aparecerá se não descurarmos que a Tradição Oral Moderna do “Conde Claros” não nasceu por geração espontânea, mas que há toda uma vida oral de séculos que a enforma.

Recuemos ao século XVI. Já vimos, no capítulo anterior, que os quatro textos da Tradição Impressa são três romances distintos e não três versões do mesmo romance, na medida em que as relações que podemos estabelecer entre eles não se restringem ao mero domínio da variação²², para além de que apresentam estruturas temáticas distintas, tal como distinta é também a sua fortuna editorial. Se atentarmos nos textos da Tradição Oral Moderna Portuguesa, detectamos imediatamente elementos (fabulares e discursivos) que já se encontravam presentes nos textos fixados no século XVI. São estes elementos que nos permitem afirmar que o romance “Conde Claros en hábito de fraile” tem como antepassado o “A caza va el emperador” e que o “Conde Claros preso” descende do velho “Media noche era por filo”. Se estes romances têm como ascendentes dois romances distintos; se, na Tradição Moderna continuam a ser dois romances distintos, será plausível que sejam tratados pela crítica enquanto tal, o que evitaria imensos problemas.

Quanto à originalidade que apresentam os romances modernos (e muito em particular o “Conde Claros en hábito de fraile”), ela deve-se, pura e simplesmente, à acção inexorável da tradição ao longo dos tempos, que se apropria do romance e o actualiza, anexando-lhe contaminações e expurgando-lhe episódios que menos lhe agradam. Por quê, então, complexificar aquilo que não passa de uma simples contaminação com outro romance, produto da tradição, transformando-a num

²² Discordo absolutamente da posição sustentada por Judith Seeger, para quem os textos antigos do “Conde Claros” são um só, considerando que a estrutura das versões é a mesma: “All three anonymous early versions of *Count Claros*, despite superficial incongruities, show an identical narrative structure. At this level, the three ballads are one” (*Count Claros - Study of a Ballad Tradition*, New York & London, Garland Publishing, INC, 1990, p. 44.). A sua tese afigura-se-me ainda mais indefensável quando admite que, na Tradição Oral Moderna, estamos perante romances distintos. (cf. id., *op. cit.*, p. 49).

fragmento do “Conde Claros”? Pegando novamente nas palavras de Braulio do Nascimento, para quem o “Conde Claros” não pode ser encarado como um todo em cada versão²³, penso vir a mostrar, a partir do “Conde Claros en hábito de fraile”, como, em diacronia, isso não só é possível, como é imperioso.

A memória

O “Conde Claros en hábito de fraile” da Tradição Oral Moderna Portuguesa apresenta traços que nos permitem descortinar uma unidade estrutural no romance, que consiste, afinal, naquilo que permanece incólume na memória tradicional. Refiro-me, mais rigorosamente, aos segmentos narrativos que perduram nas versões portuguesas e que, acima de tudo, fundamentam a descendência do romance relativamente ao velho “A caza va el emperador”²⁴.

Na I Parte foi apresentada a estrutura fabular de “A caza va el emperador”²⁵. Observemos, neste momento, os mesmos segmentos “primitivos”, chamemos-lhe, que ainda hoje configuram o “Conde Claros en hábito de fraile”, segundo a análise do *corpus* demonstra. São eles²⁶: (III.2)²⁷; (IV.1); (V.1)²⁸; V.2; VI.1; VI.2; VII.1;

²³ Vide nota 17 da II Parte.

²⁴ Alerta, desde já, que, deparando-me com o facto de a crítica utilizar uma pluralidade de termos para designar as unidades temáticas mínimas que estruturam o romance, emprego “segmento temático” enquanto elemento temático indivisível que estrutura o “episódio” ou “cena”. Não pretendo, com isto, entrar em polémicas no que respeita ao rigor das definições, já que o “segmento temático”, na terminologia de Braulio do Nascimento corresponde à “sequência narrativa” preconizada por Diego Catalán (vide nota 6 da I Parte). Penso que este não será o lugar indicado para o levar a cabo. No seu já abundantemente citado estudo sobre o “Conde Claros”, Braulio do Nascimento chama a atenção para a instabilidade que envolve essa questão (refere-se, neste caso, à definição de unidades estruturais de maior dimensão, os “episódios” ou “cenas”) que se materializa na adopção de diferentes designações por parte dos teóricos do Romanceiro (cf. “‘Conde Claros’ na tradição portuguesa”, p. 159). O próprio teórico brasileiro oscila acerca da maior ou menor abrangência do “segmento temático”, como já anteriormente demonstrei.

²⁵ Remeto para as páginas 17-20.

²⁶ Utilizo a numeração dada no capítulo anterior.

²⁷ Nalgumas versões portuguesas figura o segmento III.2, correspondente à contaminação com o romance “La infanta preñada” (0469), segundo a classificação do *IGR*. Por se tratar de uma

VII.1.1; VII.1.2; VII.1.3; VIII.1; IX.1; IX.2; IX.3 e XII.1. Assim, as versões modernas portuguesas conservam o núcleo do velho romance praticamente intacto, ou seja, preservam os seus episódios centrais. Em traços gerais, tal como no “A caza va el emperador”, a donzela é informada da sua morte e solicita um mensageiro para lhe levar uma carta ao conde. Apresenta-se um mensageiro que se vai encontrar com o conde, a quem entrega a mensagem. Este parte imediatamente. A estratégia por ele encontrada para salvar a amada consiste no disfarce de frade. Consegue aproximar-se dela, dissimulado, alegando que a vai confessar. Durante a pseudo-confissão, o conde coloca a infanta à prova. Ela revela-se fiel ao amante. O Conde Claros liberta a amada e leva-a consigo.

Inequivocamente, as duas tradições (a Antiga Impressa e a Oral Moderna Portuguesa) coincidem neste aspecto. A Tradição Portuguesa conserva, praticamente intactos, uma série de episódios e segmentos temáticos, confirmando existirem inegáveis laços que sobreviveram à acção do tempo, entre o texto do *Cancionero de romances* e as versões modernas.

Outro aspecto que atesta o parentesco entre as duas tradições é a manutenção da rima em (-á). As versões modernas portuguesas retêm-na, salvo nos versos contaminados com outro romance, os quais preservam a rima de origem²⁹. Confrontemos, agora, com os vv. 63-66³⁰ da versão do século XVI: “mas si ay aqui

contaminação, e por não fazer parte nuclear das versões modernas, coloco-o em parêntesis. A este assunto voltarei mais tarde.

²⁸ Os pontos IV.1 e V.1 são preservados apenas nalgumas versões que adiante mencionarei. Daí se encontrarem entre parêntesis.

²⁹ Verificamo-lo em variadíssimos casos. Aponto os versos iniciais de uma versão do distrito de Leiria (104), que se contamina com “La infanta preñada”: “À porta da dona Ausência / está uma erva malfadada, // a moça que lhe puser a mão / logo ficará ocupada” (á-a). A partir do v. 11 dessa mesma versão, a rima passa a (-á), quando se entra no “Conde Claros en hábito de fraile” propriamente dito: “- Eu não tenho nesta terra, / nem neste triste lugar, // quem me vá levar uma carta / a D. Carlos de Guimar” (vv. 11-12).

³⁰ Continuo a citar a versão do *Cancionero de romances* em versos curtos tal como fiz no capítulo precedente, ao passo que utilizarei o verso longo para citar as versões modernas, por uma questão de uniformidade de critérios, tendo em conta que algumas delas são transcritas em verso curto e outras em verso longo.

alguno / que aya comido mi pan // que me lleuasse vna carta / a don Claros de Montaluan”. O significativo contributo mnemónico da rima acaba por se opor decisivamente à desestruturação do poema oral, sendo que constitui um dos elementos mais conservadores da literatura tradicional. Não espanta, por isso, que, após pelo menos quatro séculos de existência atestada do romance, ela continue a resistir às tendências mais inovadoras do “autor-legión”.

A invenção

Como vimos, do ponto de vista da estrutura temática, o núcleo do romance moderno manifesta uma surpreendente capacidade retentiva face ao seu congénere do século XVI. No entanto, mesmo uma análise menos diligente do *corpus* demonstraria, sem reservas, uma série de aspectos inovadores nas versões do “Conde Claros en hábito de fraile” português, relativamente ao velho “A caza va el emperador”.

Confrontando, uma vez mais, o texto impresso no século XVI com as versões modernas, obtemos a já referida lista de segmentos centrais que a tradição hodierna manteve. Salta à vista, contudo, que se perdeu um grande número de elementos correspondentes à situação inicial do romance velho, isto é, referentes ao encontro entre o conde e o imperador, que saem juntos a caçar. Nesse encontro, o Conde Claros pede a mão da infanta, sendo-lhe relatado que esta já se encontra prometida a outro. Ao ser informado de que a sua filha se encontra grávida do conde, o imperador manda as parteiras observarem a infanta, confirmando-se o seu estado. A princesa é encerrada numa torre e recebe a visita dos cavaleiros. A Tradição Moderna Portuguesa omite, portanto, o início do romance velho (desde a “apertura”

até V.1), sem que se vislumbrem inclusivamente quaisquer resquícios, em todas as versões estudadas, do episódio do encontro entre o conde e o imperador³¹. É a partir do ponto seguinte (V.2) - a infanta é informada da sua morte - que têm início, pois, as correspondências entre as duas tradições, que vão até ao momento em que a princesa, posta à prova, se revela fiel ao conde. A tradição antiga prossegue com um diálogo entre o conde/frade e o imperador (a partir de X.1 até XI.1.2), em que o primeiro consegue evitar a morte da amada, ao comunicar a seu pai que ela se encontra inocente. Segue-se uma cena de combate entre o Conde Claros e o cavaleiro, noivo da rapariga, com o reconhecimento da verdadeira identidade do frade e a morte do último. Os textos modernos portugueses omitem, também, por completo, estes episódios e voltam a retomar o segmento final (XII.1), correspondente ao resgate da infanta pelo conde.

Em síntese, apercebemo-nos, curiosamente, de que a Tradição Oral Moderna Portuguesa elimina por completo os episódios referentes aos encontros / contactos entre as personagens Conde Claros e o imperador (o encontro inicial e o encontro final, em que o conde/frade, após a falsa confissão, o informa da inocência da filha). Igualmente expurgada da Tradição Portuguesa é a cena tipicamente cavaleiresca do combate entre o herói e o cavaleiro, que disputam a da mão da dama. Na realidade, tratando-se dos segmentos que mais conferem ao “A caza va el emperador” a sua tonalidade cavaleiresca, parece sintomático que a Tradição Portuguesa os tenha preterido³². Negar a sua origem tradicional afigura-se-me, por outro lado, pouco

³¹ Ao contrário do que sucede na Tradição Portuguesa, a cena inicial do encontro entre o Conde Claros e o imperador, patente no romance do século XVI, sobrevive, ainda hoje, na Tradição Sefardita (cf. Samuel G. Armistead, com a colaboração de Selma Margaretten, Paloma Montero e Ana Valenciano, com transcrições musicais de Israel J. Katz, *El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (catálogo-índice de romances y canciones)*, I vol, Madrid, Cátedra Seminario Menéndez Pidal, 1978, pp. 111-115.).

³² Judith Seeger já aponta este facto, referindo-se à Tradição Pan-hispânica em geral: “The old Carolingian frame - consisting of the initial elaboration of the patron / client relationship between Claros and the emperor and the final duel between Claros and Claraniña’s fiancé Beltrán - has been

prudente, visto a tradição sefardita ainda conservar memória do encontro entre o conde e o imperador. Começa-se, no entanto, a delinear outra evidência: em algum momento que não se pode precisar, a Tradição Portuguesa decidiu despir o romance da roupagem que o inseria no “clima caballeresco”, o que, de certo modo, desenraiza a história do cavaleiro honrado e honesto que vai salvar da morte a mulher amada, filha do imperador a quem serve e mãe do seu futuro filho, com a restituição da ordem e do bem, através do combate.

Um “mosaico” de contaminações

Perdendo-se este contexto, adivinha-se, desde já, que o romance possa sofrer alterações semânticas significativas. Verifica-se, de facto, uma necessidade, por parte da Tradição Oral Moderna Portuguesa, de encontrar um novo início contextualizador da trama do “Conde Claros en hábito de fraile” e, não raro, como terei a oportunidade de demonstrar, de um final distinto para o mesmo, face à versão impressa quinhentista. Este elemento altamente inovador materializa-se numa eminente rede de contaminações com outros romances, a qual se encarrega de substituir o início e o final antigos.

Vejamos, então, quais os romances que, na tradição portuguesa, contaminam o “Conde Claros en hábito de fraile”³³:

discarded, but because the frame is redundant in terms of the ballad's narrative structure, the story itself survives.” (Judith Seeger, *op. cit.*, p. 59). Faço notar, de novo, que a Tradição Sefardita não partilha desta propriedade, pelo que deve ser excluída do âmbito destas palavras.

³³ Encontramos uma resenha das possibilidades de contaminação do “Conde Claros” no estudo de Braulio do Nascimento “ ‘Conde Claros’ na tradição portuguesa”, pp. 142-145. As versões contaminadas constituem 75% do total, segundo este estudo, o que indica a sua importância indubitável. Saliento, todavia, que o teórico brasileiro não dá conta de todas as contaminações, mas apenas das mais expressivas do ponto de vista estatístico.

- **Aliarda (0149)³⁴** - Aliarda é assediada pelo conde, oferecendo resistência, com receio de que este se vá gabar. Ele jura não o fazer e dormem juntos. Contudo, na manhã seguinte, o conde espalha a notícia e rapidamente todos se apercebem que se trata de Aliarda.
- **“Conde Claros preso” (0366)³⁵** - Estando o Conde Claros com a princesa, surge um pajem que vai delatar o ocorrido ao rei. Este manda matar a princesa.
- **“La apuesta ganada” (0255)³⁶** - Em conversa com a mãe, o Conde Claros revela ter apostado dormir com a donzela. A mãe aconselha-o a disfarçar-se de tecedeira. Ele acata o conselho e consegue o pretendido.
- **“La infanta preñada” (0469)³⁷** - A donzela bebe de uma fonte / copo de água fria ou pisa uma erva encantada e fica grávida.

³⁴ Os romances serão citados segundo a classificação do *Índice General del Romancero Panhispánico*. No que se refere a “Aliarda”, trata-se de um tema já atestado na Tradição Impressa do século XVI. “Esta noche caualleros dormi cõ vna donzella” e “Galiarda Galiarda o quien cõtigo holgasse” encontram-se estampados nos “pliegos” de Praga. (cf. Antonio Rodríguez-Moñino, *Nuevo diccionario de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*, ed. corregida y actualizada por L.-F. Askins y Víctor Infantes, Madrid / Mérida, Editorial Castalia y Editora Regional de Extremadura, 1997, nº 711). Estes romances encontram-se, ainda, fixados em cancioneros da época. “Esta noche caualleros” foi editado na *Tercera Silva* de Zaragoza, em 1551 e nas edições de 1573 e 1574 da *Rosa de Amores* pela mão de Timoneda (cf. id., *Manual bibliográfico de cancioneros y romanceros (siglo XVI)*, vol. II, coordinado por Arthur L.-F. Askins, Madrid, Castalia, 1973, p. 508b.). “Galiarda Galiarda” é dado à estampa apenas na *Tercera Silva* de Zaragoza de 1551 (cf. id., *op. cit.*, p. 522a.).

³⁵ Trata-se, neste caso, do romance descendente do velho “Media noche era por filo”, abordado no capítulo anterior (*vide* tradição editorial nas pp. 4-6).

³⁶ Sem correspondências com a Tradição Antiga.

³⁷ Segundo expus no capítulo precedente, os romances antigos que correspondem à actual “La infanta preñada” são os seguintes: “Bien se pensaba la reina / que buena hija tenia”, dado a lume diversas vezes no *Cancionero de romances* de Antuérpia (s.a., 1550, 1555 e 1568), no de Alcalá (1550) e na reedição de Lisboa (1581), surgindo também impresso na *Primera Silva* de Zaragoza (1550) e na *Silva* de Barcelona de 1550 e 1552 (Cf. id., *Manual bibliográfico de cancioneros y romanceros (siglo XVI)*, vol. II, p. 342b); “Tiempo es el cauallero”, estampado no *Cancionero de romances* (Antuérpia, 1550, 1555 e 1568) e Lisboa (1581) (cf. id., *op. cit.*, p. 779a) e nos pliegos de Praga (cf. id., *Nuevo diccionario de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*, nº 318) e ainda em dois pliegos de paradeiro desconhecido (cf. id., *op. cit.*, nºs 885.3 e 1089.5); “Ferido está don Tristán / de una mala lanzada” apresenta uma longa tradição impressa. Encontra-se estampado nos folhetos da Biblioteca Nacional de Madrid (cf. id., *op. cit.*, nº 658) e nos do British Museum de Londres (cf. id., *op. cit.*, nº 668). Para além disso, é publicado no *Cancionero de romances*, nas edições de Antuérpia (s.a., 1550, 1555 e 1568), Alcalá (1550) e Lisboa (1581); “Herido está don Tristán / de una muy mala lanzada” é uma versão composta por Wolf e Hofmann, na *Primavera y flor de romances* (segunda edición corregida y

Normalmente, a contaminação inicia-se quando o pai suspeita do seu estado e manda chamar parteiras / alfaiates, que confirmam as suas suspeitas.

- **“Pérdida de don Beltrán” (0150)³⁸** - contaminação que surge apenas numa versão da Ilha de S. Jorge, Região Autónoma dos Açores (126). Trata-se da importação de uma fórmula adstrita a este romance. Na situação final de fuga dos dois amantes (versão 126) faz-se referência à preparação do cavalo (na versão açoriana, recorrendo-se à prosopopeia, coloca-se o discurso na boca do próprio cavalo), no sentido de se tornar mais veloz: “Por milagre de Jesus / o cavalinho falara: // - Aperta-me bem a sela / e também o peitoral” (126).
- **“La novia abandonada” (0720)³⁹** - Após resgatar a rapariga, o conde encerra-a numa torre e casa com outra mulher. Ela vai a casa dele e morre nos seus braços. O conde morre de seguida. Contaminação atestada apenas numa versão de Guimarães, distrito de Braga (128).

aumentada), in Marcelino Menéndez y Pelayo, *Antología de poetas líricos castellanos*, tomo VIII, Madrid, Librería de Hernando y Compañía, 1899, nº 146a.

³⁸ Os romances da Tradição Antiga correspondentes são: “Por la matanza va el el viejo / por la matanza adelante”, estampado nos “pliegos” da Biblioteca Nacional de Praga e noutros de paradeiro desconhecido (cf. Antonio Rodríguez-Moñino, *Nuevo diccionario de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*, nºs 885.3, 1050 e 1051), bem como em cancioneiros da época, a saber: no *Cancionero de romances* de Antuérpia (s.a.) e Alcalá (1550), na *Primera Silva* de Zaragoza (1550), na *Silva* de Barcelona (1550 e 1552) e na *Recopilación de romances* de Sepúlveda, nas edições de Alcalá (1563 e 1571), Granada (1563), Medina (1570), Valladolid (1577) e Sevilla (1584) (cf. id., *Manual bibliográfico de cancioneros y romanceros (siglo XVI)*, vol. II, p. 666b); “En los campos de Alventosa / mataron a don Beltrán”, fixado nos folhetos de cordel do British Museum de Londres (cf. id., *Nuevo diccionario de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*, nº 29) e no *Cancionero de romances* de Antuérpia (1550, 1555 e 1568) e Lisboa (1581) (cf. id., *Manual bibliográfico de cancioneros y romanceros (siglo XVI)*, vol. II, p. 481b). Existe ainda outro romance antigo, “Con la grande polvareda / perdimos a don Beltrane”, incorporado por Lope de Vega na sua obra *El casamiento en la muerte*, editada pela primeira vez em 1604 na *Parte I de las comedias de L. de V. C.* e cuja composição data, provavelmente, de Junho de 1597. Cf. “Tabla I. (Comedias de intervalo impreciso)” in S. Griswold Morley y Courtney Bruerton, “Comedias autenticas fechables” in *Cronología de las comedias de Lope de Vega*, versión española de María Rosa Cartes, Madrid, Editorial Gredos, 1968, pp. 217-218.

³⁹ Sem correspondências na Tradição Antiga.

- **“Flérída y don Duardos” (0431)⁴⁰** - O conde salva a rapariga e leva-a consigo. Ela despede-se dos pais e de tudo o que simbolizava a sua antiga vida.
- **“El caballero burlado” (0100) + “La hermana cautiva” (0169)⁴¹** - Face à resistência da donzela, no acto da confissão, o frade / conde insiste, tentando fazê-la voltar atrás, alegando ter-se esquecido das esporas. Ela resiste, novamente, e revela ao conde quem são os seus pais. Afinal, os dois são irmãos. Esta contaminação ocorre numa única versão, recolhida em Santo Tirso, distrito do Porto (24).
- **“La infanta parida” (0138)⁴²** - A rapariga dá à luz uma criança e pede ao conde ou a alguém de confiança que esconda a criança e a leve consigo, para que o seu pai não descubra. Contudo, o pai intercepta o cúmplice e, apesar dos esforços deste para dissimular a criança, descobre a verdade.
- **“La vuelta del navegante” (0559)⁴³** - Importação do segmento inicial deste romance, materializado no cumprimento entre tia e sobrinho: “ - Bons dias, ó minha tia, / na sua roca a fiar. // - Vai com

⁴⁰ O romance antigo, “E el mes era de abril / de mayo antes un dia”, da autoria de Gil Vicente (século XVI, insere-se na tragicomédia *Dom Duardos*, obra do mesmo autor. Este romance encontra-se editado por Agustín Durán, *Romancero general o Colección de romances castellanos anteriores ao siglo XVIII*, I vol., BAAEE, X, Madrid, Atlas, 1945, p.156b-157a.

⁴¹ Os romances da Tradição Antiga correspondentes ao “El caballero burlado” são os seguintes: “De Francia partio la niña / de Francia la bien guarnida”, impresso nos “pliegos” da Biblioteca Nacional de Madrid (cf. Antonio Rodríguez-Moñino. *Nuevo diccionario de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*, nº 669), e no *Cancionero de romances*, nas edições de Antuérpia (s.a., 1550, 1555 e 1568), Alcalá (1550) e Lisboa (1581), bem como na *Primera Silva* de Zaragoza (1550) e na *Silva* de Barcelona (1550 e 1552) (cf. id., *Manual bibliográfico de cancioneros y romanceros (siglo XVI)*, vol. II, p. 395a); “De Francia salio la niña / de Francia la bien guarnida” foi dado a lume nos folhetos de Colón, de paradeiro desconhecido (cf. id. *op. cit.*, nº 240) e nos da Biblioteca de Madrid (cf. id., *op. cit.*, nº 474).

⁴² Na Tradição Antiga: “Parida estaba la infanta / la infanta parida estaba”, editado num folheto de cordel depositado na Biblioteca Central de Barcelona (Cf. id., *Nuevo diccionario de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*, nº 1068).

⁴³ Para a Tradição Antiga deste romance, veja-se o incipit oriental, anterior a 1641, “La vida de las galeas / yo vos la quiero contar”, segundo informa o já citado catálogo *El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (catálogo-índice de romances y canciones)*, I vol, p. 341.

Deus, ó meu sobrinho, / tão bem me sabes falar.” Surge apenas como contaminação numa única versão de Proença-a-Nova, distrito de Castelo Branco (158).

- **“Conde Alarcos” (0503)⁴⁴** - Após a recepção da triste nova que é a condenação da amada, o conde não consegue comer nem dormir. Patente apenas numa única versão de Oliveira de Azeméis, distrito de Aveiro (141), a contaminação assenta na importação de fórmulas próprias deste romance, que dão ênfase à tristeza do conde: “Mandou tirar o jantar / para fingir que comia, // mas as lágrimas eram tantas / que pela mesa corriam. // Mandou fechar o seu quarto / para fingir que dormia, // mas os soluços eram tantos / que até palácio tremia.”
- **“Rico Franco” (0133)⁴⁵** - A contaminação regista-se apenas numa versão inédita madeirense (MA-00018)⁴⁶ e constitui o incipit do romance. Acentua, apenas, a extremada protecção paterna que envolve a personagem feminina (“o pai não na queria dar / nem a conde nem a marquês, // nem por dinheiro nenhum / que se contasse num mês” (vv. 3 e 4).

⁴⁴ O romance correspondente na Tradição Antiga é “Retraida esta la Infanta /bien asi como solia”, da autoria de Pedro de Riaño, e encontra-se impresso nos “pliegos” do British Museum de Londres (cf. Antonio Rodríguez- Moñino, *Nuevo diccionario de pliegos sueltos poéticos (siglo XVI)*, nº 483), nos da Biblioteca Nacional de Praga (cf. id., *op. cit.*, nº 484), nos da Biblioteca Nacional de Madrid (cf. id., *op. cit.*, nº 485) e nos da Bibliothèque Nationale de Paris (cf. id., *op. cit.*, nº 486). Regista-se ainda outra impressão nos folhetos do British Museum de Londres, desta vez sem autoria definida (cf. id., *op. cit.*, nº 1015), para além do folheto depositado na Biblioteca Pública do Porto (cf. id., *op. cit.*, nº 1016). Existem ainda outros folhetos de paradeiro desconhecido (cf. id., *op. cit.*, nº 163, 735 e 945). O seu ciclo editorial em cancioneros de romances é também longo. Encontramo-lo fixado no *Cancionero de romances* de Antuérpia (s.a., 1550, 1555 e 1568), Alcalá (1550) e Lisboa (1581), na *Segunda Silva* de Zaragoza (1550 e 1552) e na *Silva recopilada* de Barcelona (1561, 1578 e 1582) (cf. id., *Manual bibliográfico de cancioneros y romanceros (siglo XVI)*, vol. II, p. 725b).

⁴⁵ Na Tradição Antiga, “A caza iban a caza / los cazadores del rey”, fixado apenas no *Cancionero de romances*, nas edições de Antuérpia (s.a., 1550, 1555 e 1568), Alcalá (1550) e Lisboa (1581). Cf. id., *op. cit.*, p. 289a.

⁴⁶ Para a citação das versões inéditas utilizo a cota atribuída pelo Arquivo do Instituto de Estudos para o Romancero Velho e Tradicional.

- “Don Alejo muerto por traición de su dama “ (0546)⁴⁷ - Contaminação detectada numa versão isolada da Região Autónoma da Madeira (71). Estabelece a conexão entre “Aliarda” e o “Conde Claros en hábito de fraile”. Após o pai da menina ter descoberto que a filha dormiu com o conde, arma uma emboscada para o matar. A mãe adverte-o. Os versos contaminados são: “ - E essa dama, cavalheiro, / a vida te custará. // Ao passar do ribeirinho / três para um não era nada, // ontem s’ ajuntou mais três, / até a vida le tirava. // - Vem-te cá, mê filho, escuta, / olha qu’ ê bem te dizia: // perde quem anda de noite, / ganha quem anda de dia.” (vv. 13-18).

Contaminações menos frequentes:

a) “Pérdida de don Beltrán”

Verifica-se que há contaminações mais produtivas do que outras. Da lista acima apresentada, romances há que aparecem no horizonte de textos contaminadores do “Conde Claros en hábito de fraile” uma, ou, na melhor das hipóteses, duas vezes. É o caso do romance “Pérdida de don Beltrán”, através do encaixe de uma “fórmula propia”⁴⁸. A atracção que essa fórmula exerceu sobre os dois textos contaminados - (126) e (145), - ou melhor, sobre a tradição que a (re)produz, assenta, em primeiro lugar, numa questão rimática (ambos os romances

⁴⁷ Sem correspondências com a Tradição Antiga.

⁴⁸ Segundo Flor Salazar, “fórmulas propias” “son las que al aparecer en yn romance determinado lo definen discursivamente, ya que por medio de ellas se identifica como tema autónomo.” (“Contaminación o fórmula. Un falso problema en el romancero tradicional”, in Diego Catalán et alii (eds.). *De balada y lirica. I. 3º Coloquio Internacional del Romancero*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Complutense de Madrid, 1994, p. 333.).

possuem rima em (-á). Depois, o contexto assim o proporcionou. A preparação do cavalo com vista a que este atinja uma melhor performance acentua a noção de urgência e celeridade que a acção em causa requer.

b) “La vuelta del navegante”

Quanto à versão (158) que incorpora dois versos de “La vuelta del navegante”, reparamos que a contaminação é introduzida no início do romance, ou seja, constitui o seu incipit. Penso tratar-se também de um caso denunciador de atracção rimática (a rima do romance incorporado é idêntica à do “Conde Claros en hábito de fraile”). Mas sou da opinião que outro factor esteve também na origem desta contaminação: a isotopia da «tecedeira». Na verdade, estamos perante uma versão também contaminada com “La apuesta ganada”, romance em que a personagem masculina assume o disfarce de tecedeira para dormir com a donzela. Ora bem, em “La vuelta del navegante”, o sobrinho encontra a tia a fiar. Por arrastamento, o informante terá sido levado a transformar a cena inicial desse romance no incipit do “Conde Claros”⁴⁹, prosseguindo com a falsa tecedeira que vai buscar a sua teia a casa da donzela e que acaba por a enganar.

c) “Conde Alarcos”

Debrucemo-nos, agora, sobre a versão (141), que se apresenta contaminada com o “Conde Alarcos”. Os quatro versos em causa, atrás reproduzidos, coadunam-

⁴⁹ Esta contaminação revela-se pouco produtiva do ponto de vista da coerência semântica, na medida em que não contribui, de forma alguma, para o desenvolvimento da história, nem tão-pouco lhe acrescenta algum elemento novo. Por isso acredito que se trate de um caso isolado na tradição portuguesa.

se com o propósito da hiperbolização da tristeza do conde, ao saber da notícia da condenação à morte da amada. Em simultâneo, estão ao serviço da descrição da personagem. Através deles, sabemos que o conde ama, de facto, a rapariga. A importância desta contaminação reside, precisamente, no seu contributo para a compreensão da personagem masculina. Não esqueçamos que este texto apresenta contaminação com a “Aliarda”, o que nos leva a entendermos o Conde Claros como um homem pouco respeitador e pouco sério (dorme com Belassena e vai contar a seu pai⁵⁰). Na metalinguagem de Braulio do Nascimento, os versos pertencentes ao “Conde Alarcos” inserem-se naquilo que ele define como uma sequência temática⁵¹. Noutra perspectiva, a referência ao “jantar”, no “Conde Claros em hábito de fraile” (“ - Se mo dizes a brincar, / eu vou-te dar de jantar” -v. 18), fornece coerência à incorporação destes versos (“Mandou tirar o jantar / para fingir que comia” - v. 20).

d) D. Aleixo

A introdução dos mencionados versos pertencentes a este romance na citada versão madeirense (71) correspondem a uma vontade da tradição em julgar a má acção cometida pelo Conde Claros. Assim, o conde é punido ao cair numa emboscada montada pelo pai da rapariga. Para além disso, o bom-senso que a mãe lhe tenta inculcar, reprovando o seu comportamento, serve precisamente essa intenção. A invenção, patente na introdução destes dois novos segmentos na versão

⁵⁰ Os versos pertencentes a “Aliarda” são: “Atrevido, confiado, / a meu pai o foi dizer, // à aula dos estudantes / onde ele estava a escrever” (vv. 3 e 4)

⁵¹ “(...) grupos de segmentos da mesma natureza, numa sequência de repetições semelhantes à fórmula paralelística das cantigas trovadorescas. A esses grupos de segmentos denominamos **sequência temática**. A sequência temática, portanto, constitui-se de segmentos temáticos, que representam o desdobramento da mesma idéia.” (Braulio do Nascimento, “As sequências temáticas no romance tradicional”, *Revista Brasileira de Folclore*, nº VI, 1966, p.161.).

em causa, traduz, ao fim e ao cabo, uma tomada de posição por parte da Tradição Oral. O Conde Claros deve, também ele, ser condenado, segundo o desígnio popular.

e) O inesperado “Rico Franco”

Caso curioso é o de uma versão inédita de Porto Moniz (Ilha da Madeira) (MA-00018), que abre contaminada com o “Rico Franco”. Não penso que se trate de um erro da informante, pois no Arquivo do Instituto de Estudos sobre o Romanceiro Velho e Tradicional encontra-se outra versão da mesma localidade, truncada, correspondente a este modelo (“Rico Franco” + “Infanta preñada”), à qual falta, certamente, o excerto relativo ao “Conde Claros en hábito de fraile”. Saliento que os versos do “Rico Franco”⁵² possuem um carácter meramente contextualizador, sem qualquer significado para a interpretação do romance, o qual prossegue, de imediato, com os seguintes versos da “Infanta preñada”, segundo o modelo madeirense: “Andava dona Inês / servindo seu pai à mesa, // sua saia arregaçada, / sua barriguinha tesa” (vv. 5-6).

As contaminações iniciais e a produção de novos sentidos

Mas para além destes casos de contaminações que esclarecem / hiperbolizam elementos já presentes no “Conde Claros” (ou, pelo menos, cuja semente figura no romance, sendo desenvolvida pela contaminação), temos notícia de contaminações que podem contribuir para a reestruturação do poema. Refiro-me, a título exemplificativo, às contaminações iniciais com a “Aliarda” ou “La apuesta ganada”,

⁵² “Lá fora, na Inglaterra, / palácio d’ el-rei se fez. // Passeava uma menina, / que ela era chamada Inês; // o pai não na queria dar / nem a conde nem a marquês, // nem por dinheiro nenhum / que se contasse num mês.” (vv. 1-4).

que constituem, aliás, as formas preferidas da Tradição Portuguesa para dar início ao “Conde Claros en hábito de fraile”. De facto, “Aliarda” assume, em todas as regiões, um papel de destaque, o que revela, de facto, o apreço que a tradição lhe atribui. Ressalte-se que, tanto “Aliarda” como “La apuesta ganada” podem surgir enquanto contaminação única, mas também combinados entre eles (em todos os casos em que as duas contaminações surgem na mesma versão, “La apuesta ganada” precede sempre “Aliarda”) ou ainda com outros romances, tais como o “Conde Claros preso”, que assume também o papel de incipit, mesmo quando contaminado com “Aliarda” - versão (40). Outra contaminação comum é fornecida pela “Infanta preñada” e / ou pela “Infanta parida” (a “Infanta parida” surge sempre após a “Infanta preñada”, mas o primeiro pode aparecer sem o segundo e pode, inclusivamente, assumir o papel de incipit, se não houver outra contaminação). As hipóteses combinatórias são, pois, muito elevadas, se atentarmos que todos estes romances podem associar-se uns aos outros.

a) “Conde Claros preso”

No que concerne à contaminação com o “Conde Claros preso”, o romance começa com o encontro amoroso entre o conde e a rapariga - versões (24), (36), (37), (88), (125) e (127) - surpreendido pelo pajem real, cujo silêncio os amantes tentam subornar, sem resultado. O rei é informado do sucedido⁵³. Por vezes, segue-

⁵³ Exemplifico com a versão (37), de Penafiel, distrito do Porto: “Estando dona Claralinda / com D. Carlos a brincar, // de beijinhos e abraços / sem se poder apartar, // passou um pajem de el-rei, / nunca houvera de passar. // Disse D. Carlos ao pajem, / muito bem posto a espreitar: // - Viste o que hás visto, / agora a el-rei não vás contar, // pois te dou tanto dinheiro / quanto tu possas contar // e te dou campos e vilas, / quantos possas passear // e te dou o meu cavalo, / para nele campear. // - Não quero o seu dinheiro, / poi’ lo não sei contar, // nem quero campos e vilas, / poi’ las não sei passear; // nem quero o seu cavalo, / poi’ lo não sei campear. //Chegando o pajem a casa, / a el-rei o foi contar” (vv. 1-12).

se a contaminação com “La infanta preñada”⁵⁴. Noutros textos, o início dá-se com o diálogo entre a rapariga e o pajem, vindo esta do encontro amoroso com o conde. O criado delata-a ao pai. Pode seguir-se, também, o enlace com “La infanta preñada”, ou simplesmente o “Conde Claros en hábito de fraile”, com a condenação da menina⁵⁵. Outra possibilidade de contaminação com o “Conde Claros preso” é a presente na versão de Bragança (40), que remete para o início do velho “Media noche era por filo”, com a preparação do conde, no sentido de impressionar a infanta (“ - Preparai-me esses cavalos, / que hemos de ir a passear // à porta da Albaninha / hemos de ir a passear. // Albaninha, co’ rugido / à porta há-de assomar.” - vv. 1-3). Esta versão segue com “Aliarda”, ou seja, com o assédio do conde e a promessa quebrada de não se ir vangloriar.

b) “Aliarda”

Apercebemo-nos, então, de que “Aliarda” oferece uma nova configuração semântica ao romance, o que, por exemplo, não é proporcionado pela contaminação com o “Conde Claros preso”. Muitas são as versões que o atestam, porque muitas são as ocorrências desta contaminação, de norte a sul do país. Enquanto contaminação única ou acompanhado por outros romances, “Aliarda” proporciona uma visão do conde que não é, de todo, a que figura no romance velho. Sempre que se verifica a contaminação com este romance, o Conde Claros, adquire o perfil de um homem sem palavra e desonesto (promete não se gabar de ter dormido com a

⁵⁴ Como sucede na versão (127), de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo: “ - Que me mira, meu papá, / que me mira, está mirando? // - Eu miro-te, ó minha filha, / parece que andas pejada. // - Isto é, ó meu papá, / das saias mal talhadas. // Mandou chamar dous obreiros, / a quem ele mais amava. // - Senhor rei, / esta saia não tem nada. (vv. 14-18).

⁵⁵ Remeto para a versão (132), que tem início da seguinte forma: “ - Onde vais, ó Madassena, / com esta manhã de neve, // teu cabelo penteado, / teu coração tão alegre? // - Quer vós visses, quer não visses, / a meu pai não vás contar. // darei-vos tanto dinheiro, / que o não podeis gastar.” (vv. 1-4). Esta versão segue com “La infanta preñada”.

donzela e fã-lo na primeira oportunidade). O ideal do amor cavaleiresco é, assim, posto em causa, pois dificilmente o Conde Claros ama, de facto, a rapariga cuja honra roubou. É nestas condições que, ou o pai da menina descobre a sua gravidez (quando à “Aliarda” se segue “La infanta preñada”) ou simplesmente a decide mandar matar⁵⁶ (“Conde Claros en hábito de fraile”)⁵⁷.

Pese embora o exposto acerca do papel inventivo desta contaminação, devo salientar que “Aliarda” contribui activamente para a conservação do contexto inicial do romance. Vimos que a Tradição Moderna rejeita as cenas iniciais de diálogo entre o conde e o imperador. Ora, observando com atenção o *corpus*, encontramos um conjunto de versões do “Conde Claros en hábito de fraile” contaminadas com “Aliarda” em que o conde se gaba de ter dormido com a menina ao pai desta ou aos seus irmãos⁵⁸. Detectamos, então, e ao contrário do que numa primeira instância

⁵⁶ Nalgumas versões, são os irmãos quem toma a iniciativa.

⁵⁷ Pese embora as superficiais diferenças discursivas de carácter regional, o encaixe desta contaminação no romance ocorre da mesma forma em todo o país, pelo que me limitarei a citar uma única versão. O texto seleccionado (163), pertencente à tradição transmontana (distrito de Bragança), serve na perfeição para elucidar os versos de “Aliarda” “encaixados” no “Conde Claros en hábito de fraile”: “- Albana, ó Albaninha, / filha do conde d’ Alvar, // quem te caçara três horas, / três horas ‘ó meu mandar. // - Três horas não era nada / se tu te não fosses gabar. // - Com a espada me cortem / e com outra de mais talhar, // se mulher qu’ eu dormir co’ ela, / se eu dela me for gabar. // ‘Inda não era meio-dia, / na praça estava a falar. // - Andai cá, ó meus soldados, que tenho que vos contar, // a noite desta noite / fui dormir c’ uma donzela, // nos dias da minha vida / nunca vi coisa tão bela. // Olharam uns para os outros: / - Qual seria, qual era... // Seria a nossa palomba, / que cá não há outra como ela. // Respondeu-le o irmão mais velho: / - Andai cá, vamo-la matar, // com esta e com outra / ela nos há-de envergonhar. // Respondeu o irmão do meio: / - Andai, vamo-la queimar. // Respondeu o mais novinho, / como homem mais formal: // - Andai cá, ó meus irmãos, / vamo-la nós a casar, // a poder de grande dote / alguém na há-de aceitar.” (vv. 1-17). Aqui começa o “Conde Claros en hábito de fraile”: “- Ó palomba, ó palombinha, / mal soubeste apalombar, // hoje te cortam a rama, / amanhã te vão a queimar.” (a partir do v. 18, até ao final).

⁵⁸ Inclino-me a afirmar que este conjunto de textos seguem um modelo de “Aliarda” corrente no norte do país, nalgumas zonas do interior e ilhas. Refiro-me a versos como os seguintes, retirados, a título exemplificativo, de uma versão do distrito de Castelo Branco (58): “‘Inda não era manhã / e na praça o estava a contar. // - Esta noite dormi eu / com uma bonita donzela; // desde que nasci inté agora / nunca vi coisa mais bela. // Onde estavam dois irmãos: / [.....] - Seria a nossa Alvaninha / que não há outra na terra? // Disse o mais velho para o mais novo: / - Vamo-la nós a queimar. // Disse o mais novo para o mais velho: / - Vamo-la nós a casar.” (vv. 26-32). No sul do país, é frequente serem os irmãos a denunciá-la ao pai, incentivando a que este a mate. Vejamos esta versão inédita do distrito de Faro (FA-00019): “- Eu dormi ontem à noite / [.....] // com uma menina / mais branca que um cristal, // foi a dona Mariana, / filha do Conde Real. // O irmão, que estava ouvindo, / logo ao pai foi contar. // - Mande matar a Mariana / que se deixou enganar, // que dormiu intem à noite / com D. Carlos de Alamar.” (vv. 20-25). Esta suposição requer, contudo, um estudo geográfico mais aturado, que espero poder vir a desenvolver num futuro trabalho.

propus, uma leve reminiscência da antiga cena em que o Conde Claros conta ao imperador que a filha está grávida dele. A tradição opta, todavia, por transformar o texto antigo, fornecendo-lhe outra roupagem (a “Aliarda”).

c) “La apuesta ganada”

Também a contaminação com “La apuesta ganada” contribui para a reinvenção do “Conde Claros”, da mesma forma que “Aliarda” o faz. Na realidade, os dois romances surgem muitas vezes juntos, o que intensifica o novo entendimento da personagem na tradição moderna (Conde Claros aposta dormir com a rapariga, engana-a - “La apuesta ganada”⁵⁹ e, como se não bastasse, nas versões que seguem com “Aliarda”, vangloria-se de o ter feito)⁶⁰. A severidade do pai / irmãos revela-se ainda mais excessiva na Tradição Moderna Portuguesa, se atendermos ao facto de a

⁵⁹ Numa versão inédita de Vale de Nogueira, distrito de Vila Real (VR-00287), notamos como “La apuesta ganada” e “Aliarda” se complementam na perfeição: “Venha cá, ó minha mãe, / conselhos me venha dar, // já hoje fiz uma aposta / de perder ou de ganhar, // dormir com a Aldininha / antes dos galos cantar. // - Não apostes, ó meu filho, / não deixes d’ apostar. // Aldininha é muito fina, / não se deixa enganar; // veste o meu lenço de seda, / por cima do meu brilhar, // à porta da Aldininha / tu lá irás passear. // - Donde vem essa menina / que tão bem sabe trajar? // - Sou uma tecedeira nova / das bandas de além do mar; // tenho uma teia urdida, / fiada a venho buscar. // - A teia ali a tenho, mas ‘inda está por dobar; // venha cá p’ra cima, / conversemos devagar, // [.....] / ajudará o dobar. // Mandarei fazer a ceia, / comeremos de bons manjar [sic], // mandarei fazer a cama, / dormiremos de par a par. // Por essa noite acima / Aldininha deu um ai. // - Tu que tens, ó minha filha, / tu que tens, ó filha minha? // - Não se assustem, ó meus pais, / não se assustem de assustar, // que isto foi um triste sonho / qu’ eu teria de pensar. (“La apuesta ganada”) // ‘Inda não era manhã, / já s’ ele andava a gabar // que dormiu com uma menina antes dos galos cantar. // Diziam os irmãos uns p’r’ ‘ós outros. / - Oh, quem seria ela? // - Foi a nossa Aldininha, / que não há outra na terra. // Disse o irmão mais velho: / - Vamos nós a queimá-la. // Diz o irmão mais novo: / - Vamos nós a casá-la, // com fama de grande dote / alguém a há-de aceitar. // Diz o irmão chegante: / Vamos nós a queimá-la.” (“Aliarda”) - vv. 1-27. Prossegue a versão com a procura de mensageiro por Aldininha. Observamos, ainda, como o encaixe com o “Conde Claros en hábito de fraile” se efectua, nesta versão, como em outras, mediante a fusão de um verso ainda de “Aliarda” com o motivo da informação da morte, já pertencente ao romance principal.

⁶⁰ Encontrei uma única versão, (151), que inverte o sentido normal da combinação entre “La apuesta ganada” e “Aliarda”: “Aliarda” é encaixada após “La apuesta ganada”. Nesta versão de Resende, distrito de Viseu, o texto abre com “Aliarda” (o conde propõe dormir com a rapariga e jura não se gabar), segue-se “La apuesta ganada” (a aposta com a mãe, o disfarce de tecedeira e a consumação do acto) e, por fim, retoma “Aliarda”, com o relato do sucedido aos irmãos dela. Apesar de se tratar de um caso único, não creio, contudo, que possamos estar perante um momento de confusão do informante, ou perante um esforço de memória que não produz sentido. De facto, esta combinação insólita aparenta, não obstante, uma total coerência.

rapariga ter sido vítima do ardil do conde. As circunstâncias que rodeiam o envolvimento amoroso de ambos alteram-se significativamente com estas duas contaminações. Na Tradição Antiga, partimos do princípio que o interesse do conde é exclusivamente amoroso. Aqui, a invenção tradicional resolve ser mais crua e explica-nos que não é bem assim⁶¹.

d) As infantas “preñada” e “parida”

Outra contaminação que merece ser pensada com a devida atenção é a de “La infanta preñada”. Já fiz notar as incertezas que me assaltam quanto à presença de contaminação ou simples motivo na Tradição Antiga, ou seja, a dúvida de que se trate de um romance incorporado, ou se, por outro lado, é o próprio “A caza va el emperador” que assume como seu o motivo da infanta grávida⁶². Todavia, na

⁶¹ Há exceções a esta afirmação. Se é um facto que “La apuesta ganada” contribui para um novo entendimento do conde, o poder inventivo da Tradição Oral encarrega-se, nalgumas versões, de atenuar essa visão depreciativa da personagem, ao inserir, na dita contaminação, um segmento narrativo bem expressivo: o Conde Claros, ao enganar a donzela, disfarçado, dá-se a conhecer e tranquiliza-a. Refiro-me a versões como a (38) e (157), do distrito de Castelo Branco, ou a (118), recolhida no distrito de Viseu. Dou como exemplo os versos da versão (157): “ - Cale-se, ó menina, / cale-se, não me queira difamar, // se o seu pai cá vier ter / p’a seu proveito chamar // e se vir presa de mim / escreva ao Conde de Montalvar.” (vv. 20-22). Ao mesmo tempo que reabilita, em certa medida, o carácter honesto do conde, a introdução desta cena estabelece um nexu enriquecedor entre a contaminação e o “Conde Claros en hábito de fraile”: introduz e fundamenta os episódios da procura do mensageiro e da entrega das cartas ao Conde Claros, bem como dá coerência à responsabilidade que o conde sente e que o impele a salvar a rapariga com toda a urgência. Ainda nesta lógica de reabilitação da personagem masculina e de estabelecimento, em simultâneo, de nexos entre as contaminações e o “Conde Claros en hábito de fraile”, observemos a versão inédita de Viseu (VI-00731). A invenção popular, no sentido de intensificar as boas intenções do conde para com a donzela, insere, na contaminação com “La apuesta ganada” os seguintes versos: “ - Pega lá este anel d’ ouro, / mete-o no dedo polegar, // eu sou D. Carlos d’ Além-mar, / contigo hei-de eu casar.” (vv. 19-20). O anel firma, pois, o compromisso no qual se funda a confiança entre os amantes. O motivo do anel vai ser retomado no episódio da confissão e, se elabora uma coerência interna entre contaminação e contaminado, é, por outro lado, através dele que o conde põe o amor da menina à prova. É pelo anel que também ela se mostra fiel ao amante: “ - Esse anel que tem no dedo polegar, / bote-o fora, que a está a condenar. // - O anel que D. Carlos me deu, / ninguém no mais há-de gozar; // onde eu for morrer / o anel há-de acabar.” (vv. 55-57).

⁶² Os versos do romance antigo que me suscitam dúvidas são: “vos me la dareys señor / acabo que no querays / porque preñada la tengo / de los seys meses o mas. / El emperador que esto oyera / tomo dello gran pesar / buelue riendas al cauallo / y torno se a la ciudad / mando llamar las parteras / para la infanta mirar / alli hablo la partera / bien vereys lo que dira / preñada esta la infanta / de los seys meses o mas” (vv. 33-46).

Tradição Moderna Portuguesa não restam dúvidas quanto à presença da contaminação, visto que, na maioria dos casos, se mantém inalterada a rima original do romance contaminador (â-a). Assim, no âmbito da inovação, pouco ou nada tenho a apontar a esta contaminação, pois ela traduz o mesmo sentido assumido na versão impressa no século XVI. “La infanta preñada” entra imediatamente antes do “Conde Claros en hábito de fraile” propriamente dito e convive pacificamente com o “Conde Claros preso”⁶³, por um lado, e com “La apuesta ganada”⁶⁴, com “Aliarda”⁶⁵ ou com ambos⁶⁶, por outro, sendo que são os versos pertencentes à “La infanta preñada” que estabelecem a ligação entre as referidas contaminações e o “Conde Claros en hábito de fraile”, salvo se for seguida de “La infanta parida”. Pode também surgir sozinho, sem outras contaminações precedentes, assumindo, então, a função de “apertura” do texto⁶⁷. Para além destes casos mais frequentes, notamos também a presença deste romance na já citada versão madeirense (MA-00018), estabelecendo a ligação entre o “Rico Franco” e o “Conde Claros en hábito de fraile”. Ainda a propósito de “La infanta preñada”, o estudo do *corpus* parece permitir concluir-se que, sempre que

⁶³ Remeto, entre muitas, para a versão (127), do distrito de Viana do Castelo.

⁶⁴ Veja-se, a título explicativo, a versão açoriana (190).

⁶⁵ A versão (110), do recolhida no distrito de Braga, é disso exemplo.

⁶⁶ A possibilidade de ocorrência de “La infanta preñada” após “La apuesta ganada” e “Aliarda” é atestada pela versão (118), do distrito de Viseu.

⁶⁷ Este caso é frequente nas tradições insulares (Regiões Autónomas da Madeira e Açores) tal como na Beira Interior. Remeto para a versão (181), recolhida na Ilha Terceira: “Andava dona Izétima / servindo seu pai à mesa, // sua saia arregaçada, / sua barriguinha tesa. // - Que tens, ó filha Izétima, / que ‘tás tão descorada? // - Foi um copo d’ água fria / qu’ eu bebi de madrugada, que me subiu à cabeça, / que não me deixa sentar. // Mandou os doutores chamar / dentro da sua alçada, // para ver se filha Izétima / precisava ser sangrada. // Os primeiros que cá vieram / não quiseram dizer nada; // os segundos que cá vieram: / - Sua filha é maltratada. // - Mentos, ó grande doutor, / mentos, ó grande velhaco, // c’ uma filha tão Izétima / não é coisa que tal faça.” (vv. 1-11). A versão apresenta um corte, neste momento, e retoma com o episódio da falsa confissão, já pertencente ao “Conde Claros en hábito de fraile”. Noutras versões iniciadas com “La infanta preñada” é o motivo da erva que se observa, como sucede na versão (124), do distrito de Bragança: “À porta de dona Ausénia / hai uma erva mui’ má; // dona Ausénia bulhiu nela, / logo saiu prenhada. // Perguntou-le seu pai / de que le levantava a saia. // - Foi dos alfaiates / que a deixaram mal talhada. // Precuraram alfaiates / dos melhores que havia em Braga; // juntaram-se três ou quatro, / qual era o que mais talhava; // sempre chegavam ali, / nunca a saia arredondava; // ‘ó depois, dizia ela, / qu’ é da saia mal talhada. // Depois disseram eles: / - É da senhora qu’ está mui’ bem prenhada.” (vv. 1-9). O versos seguintes (“Logo disse seu pai: / - S’ el’ está prenhada, // hoje vai-se ‘panhar a lenha, / manhã há-de ser queimada.”) já estabelece, pois, a ligação entre o romance contaminador e o contaminado.

este romance é antecedido por outras contaminações fica reduzido à cena do pai que se apercebe de que algo está errado com a filha e chama parteiras ou alfaiates, os quais acabam por confirmar a sua gravidez⁶⁸. Já quando o romance surge sozinho assume maior preponderância, ou seja, desempenha o papel de contextualizador da condenação e da própria gravidez: a água, numas versões, é a causadora, - por exemplo, a (181) - noutras, a erva fecundante - veja-se a versão (124)⁶⁹.

Após estas breves observações acerca da forma como “La infanta preñada” e o “Conde Claros en hábito de fraile” encaixam, proponho, agora, sem as reservas anunciadas no capítulo anterior, que, no romance velho “A caza va el emperador”, o tópico da infanta grávida possa inserir-se no âmbito da contaminação. Atentemos, nesta perspectiva, na configuração que o romance assume, na Tradição Moderna Portuguesa, quando surge antecedido por outro tema: o pai manda os médicos /

⁶⁸ Muitas são as versões que o confirmam. Veja-se a versão (96), do distrito de Bragança, também contaminada com “La apuesta ganada” e cujos versos referentes à “La infanta preñada” são os seguintes: “Pois ao cabo de três meses / seu pai já muito a mirava; // encontrava na dianteira / a saia um pouco alevantada; // também encontrava-a a lançar fora, / um pouco agoniada. // - Que tens tu, ó Mariana? / Vejo-te mais enculpada. // Vejo-te na dianteira / a saia um pouco alevantada. // - Não é segura, ó meu pai, / que a trago eu às orvalhadas; // quando não, tam’ém seria, / também seria mal tallada. // Pois o pai mandou chamar o doutor / mas naquele qu’ ele mais se fintava, // p’ra passar revista à menina, / a menina se debilitava. // - Esta saia não tem erro, / A saia não está errada; // a moléstia da menina, / ela andara embaraçada.” (vv. 23-33). De seguida, Mariana é informada de que vai a queimar (“Conde Claros en hábito de fraile”). A única versão que contraria esta tese, da Ilha da Madeira (MA- 00018), é a que se inicia com o “Rico Franco” e que prossegue com a explicitação da causa da gravidez: “Andava a dona Inês / servindo seu pai à mesa, // sua saia arregaçada, / sua barriguinha tesa. // - O que tendes, dona Inês, / que eu te vejo descorada? // - Papai, é das águas frias / que eu bebo na madrugada. // - Se eu soubera disso ser, / doutores eu mandava chamar. // - A doença não é grave, / é mulher que vai ocupada. // - Desmenti, doutores, desmenti, / desmenti mesmo na tua cara, // que isto é das águas frias / que eu bebo na madrugada. // O doutor não saia, / já as parteiras entravam.” (vv. 5-13). Julgo dever-se esta exceção ao facto de a contaminação inicial não produzir qualquer efeito sobre a estrutura fabular do romance. Os versos da “apertura”, ou melhor, a contaminação com o “Rico Franco” adquire, de certo modo, autonomia, na medida em que se trata de uma simples adição de versos que podem ser omitidos, sem conseqüências para a versão propriamente dita.

⁶⁹ Raríssimas são as versões que contrariam esta evidência. Posso apontar a versão (126), do distrito de Viana do Castelo, que abre imediatamente com “La infanta preñada”, onde não está patente a justificação da gravidez: “ - Que me mira, mau paizinho, / que muito me está a mirar? // - Eu miro-te, minha filha, / que me pareces pejar.” (vv. 1-2). Outro caso é o de um texto inédito madeirense (MA-00273), cujo incipit é: “Andava dona Aninhas / servindo seu pai à mesa, // com sua saia arregaçada, / sua barriguinha tesa.” Os versos seguintes pertencem já ao “Conde Claros en hábito de fraile”. No que é atinente às causas da gravidez, há uma versão inédita, do distrito de Viseu, bastante inovadora (VI-00254): “À porta da dona Aurência / está uma ponte dourada, // dona Aurência caiu nela, / como mulher desgraçada.” (vv. 1-2).

parteiras / alfaiates observarem a filha e confirmarem as suas suspeitas. Ora, no romance velho sucede precisamente o mesmo: face à informação dada pelo Conde Claros no diálogo inicial com o imperador (sem vestígios na nossa tradição moderna), o segmento que perdura é o do pai que chama as parteiras para observarem a infanta, as quais confirmam a notícia. A história prossegue como na Tradição Oral Moderna Portuguesa: a princesa é presa / condenada⁷⁰.

Tal como há pouco esbocei, a ligação entre “La infanta preñada” e o “Conde Claros en hábito de fraile” pode fazer-se também através da introdução de versos de “La infanta parida”⁷¹. Após as desconfianças paternas de uma gravidez dissimulada (“La infanta preñada”), ao fim dos nove meses nasce, finalmente, a criança. A mãe pede auxílio a alguém (normalmente a um primo ou a uma prima de confiança⁷²), ou, como se verifica numa versão algarvia, a (52), é a própria mãe quem transporta o filho para junto do pai, poupando-o da ira do avô. Contudo, a fuga é malograda pela chegada do pai da rapariga. Este, ouvindo o choro da criança, desconfia do que se passa. Em resposta, a pessoa em causa mente acerca da natureza daquilo que leva consigo, sendo que é nesta fase que a criatividade popular mais dá largas à sua imaginação: desde peras (161), limas e limões (103), maçãs (52), alfices verdes (MA-00018)⁷³, até gatos (161), passando mesmo por copos de vidro (26)⁷⁴. A

⁷⁰ Revelar-se-ia muito produtivo, para a fundamentação desta afirmação, o confronto com as restantes Tradições Modernas: a castelhana, a galega, a catalã e a sefardita. Espero, noutra lugar, levar a cabo esse trabalho.

⁷¹ Como se pode constatar a partir da *Bibliografia do Romancelheiro Português da Tradição Oral moderna (1828-2000)*, “La infanta parida” não existe enquanto tema independente na Tradição Oral Moderna Portuguesa, mas apenas em contaminação com “La infanta preñada”. Perante este facto, compreende-se que as versões do “Conde Claros en hábito de fraile” contaminadas com “La infanta parida”, sejam, necessariamente, antecedidas por versos pertencentes a “La infanta preñada”.

⁷² Nas versões antigas de “La infanta parida” quem leva a criança consigo é o próprio pai. A Tradição Oral Moderna Portuguesa decide, pois, inovar, neste aspecto.

⁷³ Esta versão reveste-se de um eminente significado trágico, pois a invenção popular leva o rei a matar o neto: “E nesta mesma conversa / o seu netinho chorou; // o rei levou do cutelo, / o seu netinho matou.” (vv. 19-20).

⁷⁴ A diversidade de possibilidades no que se refere à desculpa dada quanto à carga transportada é manifesta e permite concluir ser este um lugar propício à invenção. O objectivo da tradição é, pois,

precaridade da justificação é gritante. O desfecho mostra-se, pois, inevitável. A menina é condenada.

O enlace com o “Conde Claros en hábito de fraile”

Enunciadas as contaminações que dão corpo à primeira parte do romance, vejamos, a partir deste momento, como se processam as ligações entre estas e o “Conde Claros en hábito de fraile”.

Abordo, em primeiro lugar, o tipo de enlace que se me afigura menos problemático: aquele que é levado a cabo através da prosificação de versos e/ou através da omissão de segmentos narrativos. Não me deterei, obviamente, sobre os casos que denotam meras falhas de memória, sem outro significado adicional. Não poderei deixar de mencionar, no entanto, algumas situações específicas (ainda que também elas fruto de falhas memoriais ou produto da acção selectiva da memória). Não raro, após a recitação da contaminação, o informante entra no “Conde Claros en hábito de fraile” prosificando os episódios iniciais, nomeadamente o da condenação⁷⁵.

É também muito frequente a omissão desses elementos iniciais do “Conde Claros en hábito de fraile”. Muitas são as versões que passam directamente da contaminação (seja ela qual for) para a busca do mensageiro, para a reacção do conde à notícia ou mesmo para a falsa confissão. Nalguns casos, poderemos estar

manter o absurdo da mentira, pelo que se verificam as mais incongruentes justificações. No romance velho “Parida estaba la infanta”, a desculpa faz-se através do transporte de amêndoas.

⁷⁵ Refiro-me, por exemplo, à versão (62), da Região Autónoma da Madeira. Após recitar a contaminação inicial com “Aliarda”, a informante prosifica o segmento da condenação da donzela e retoma o romance com a busca do mensageiro. Situação semelhante encontramos numa versão açoriana (181), cujo recitador termina a contaminação com “La infanta preñada” e prossegue: “Ela ia a matar a rapariga e o namorado é que se vestiu de padre e é que disse”. Deste modo, entramos no “Conde Claros en hábito de fraile” na cena da confissão. A percebemo-nos, então, de que esta versão omite uma série de segmentos relativos ao romance. Outras versões apresentam esta característica.

perante textos truncados. Noutros, porém, parece-me lícito sugerir que, num elevado número de versões, a omissão não resulte de um mero problema mnemónico⁷⁶, mas sim de um processo de adaptação tradicional. Vemos como certas cenas são dispensáveis para a Tradição (a prosificação ou a omissão da condenação revela que este episódio está a deixar de ter produtividade e daí os respectivos versos, como não podia deixar de ser, tenderem também a cair no esquecimento). A acção selectiva tradicional actua, pois, sobre o “Conde Claros en hábito de fraile”. Sob a acção das contaminações anteriores, o “autor-legión” considera redundantes ou mesmo desnecessários os primeiros episódios do romance contaminado⁷⁷.

A criatividade tradicional manifesta-se, também, no enlace entre as contaminações e o “Conde Claros”, através da introdução de segmentos narrativos que produzem um efeito sintomático ao nível do significado. Assim, a versão madeirense (71) inclui dois inusitados segmentos narrativos entre a “Aliarda” e o

⁷⁶ Seria moroso apresentar todos os textos que confirmam esta afirmação. Assim, limito-me a argumentar utilizando apenas algumas versões. Atentemos na versão inédita madeirense (MA-00018), que faz uma transição bastante explícita entre “La infanta parida” e o “Conde Claros en hábito de fraile”, que começa com a cena da reacção do conde às cartas: “ - Nã me importa a dona Inês / que eu não mandei ser louca; // ela sabia que eu que era homem, / largo nela, pego noutra.” (vv. 21-22). Também na versão (105), do distrito de Santarém, transita-se da “La infanta preñada” para o segmento da procura do mensageiro do “Conde Claros en hábito de fraile”. Cito ainda duas versões que mostram como da contaminação pode passar-se para o segmento da confissão, sem que tal implique, necessariamente, que os versos referentes aos episódios omitidos estejam truncados. Numa versão de Aljezur, distrito de Faro (12), a transição entre “Aliarda” e o “Conde Claros” faz-se mediante os seguintes versos: “O irmão, que estava ouvindo, / logo ‘ó pai foi contar. // - Mande matar a Mariana / que se deixou enganar, // que dormiu ontem à noite / com D. Carlos de Alamar. // Ele vestiu-se em traje de confessor / e abalou, foi confessar.” (vv.21-24). Não há, com efeito, perda de significado, nestes versos, ainda que saibamos que lhes faltam segmentos intermédios. Nalgum momento, a Tradição terá expurgado os segmentos em falta. Sabemos que a menina vai ser morta e percebemos sem esforço o sentido da confissão através dos versos que se seguem a estes. É muito provável que nesta versão, como noutras, se tenha perdido a memória desses episódios e, logo, não podemos falar de versões truncadas, na medida em que eles já não fazem parte integrante desses textos.

⁷⁷ Verifica-se a existência de regiões mais conservadoras e mais resistentes, portanto, à síncope do segmento da condenação. A região transmontana é um bom exemplo, onde o grande modelo é a “Aliarda” mais “Conde Claros en hábito de fraile”. A entrada neste último dá-se, normalmente, com o pai a anunciar à menina a sua condenação, tal como sucede na versão (92), do distrito de Bragança: “ - Palomba, ó Palombinha, / não soubestes palombar; // hoje cortam-te a lenha / e amanhã vão-t’ a queimar.” (vv. 10-11). Note-se que outro aspecto que a Tradição resolveu, de um modo geral, conservar, é o tipo de morte - na fogueira - salvo em raras excepções e nos casos em que não é mencionada. Confrontemos com os seguintes versos do “A caza va el emperador”: “pesa nos ve vos señora / quanto nos puede pesar / que de oy en quinze dias / el emperador os manda quemar” (vv. 55-58).

“Conde Claros en hábito de fraile”⁷⁸. Também na versão (30), da Covilhã, distrito de Castelo Branco, a ligação entre “La infanta preñada” e o “Conde Claros en hábito de fraile” dá-se mediante a introdução de um segmento absolutamente inédito⁷⁹, fabricado, segundo creio, pelo engenho popular: a rapariga dá uma bofetada ao conde por este ter delatado a sua gravidez ao pai. Observamos que há um fio condutor que se pretende transmissor de coerência e que, em simultâneo, estabelece fortes laços de conservação relativamente ao romance do século XVI. Apesar de extremamente original no seio da Tradição Oral Moderna Portuguesa, este segmento aproxima de forma evidente esta versão da Tradição Antiga, visto que também no texto antigo é o conde quem informa o pai da gravidez da filha. Como se pode observar, contudo, a agressão física representa uma marca muito consistente da capacidade inventiva da tradição, que, uma vez mais, toma partido e decide castigar o conde.

Encontramos ainda uma tendência em determinadas versões: a Tradição Oral Moderna Portuguesa parece procurar atenuar a distinção entre texto contaminador e texto contaminado no que respeita ao seu enlace ou, melhor dizendo, verifica-se uma tentativa, mais ou menos explícita, de tornar latente a “costura” de ligação dos romances. Assim, enquanto nalgumas versões é possível dizer-se onde termina a contaminação e tem início o “Conde Claros en hábito de fraile”, noutras verifica-se

⁷⁸ A contaminação com “Aliarda” termina com a identificação de “Galanducha” como aquela que dormiu com o Conde Claros. Os irmãos prometem vingar-se dele e montam uma cilada para o matar. Seguem-se os sensatos conselhos da sua mãe, que reprova a vida libertina do filho. A menina procura mensageiro para levar uma carta ao amante (estamos já no “Conde Claros en hábito de fraile”). Ora, o segmento da vingança e o do diálogo com a mãe constituem elementos alheios, quer a “Aliarda”, quer ao “Conde Claros”. São, como atrás referi, versos pertencentes a “Don Alejo muerto por traición de su dama”, até porque, do ponto de vista do discurso, a fórmula “perde quem anda de noite, ganha quem anda de dia” é específica desse romance. Estes versos, encaixados entre “Aliarda” e o “Conde Claros”, conferem um cunho criativo muito forte à versão. A invenção popular resolve, como atrás tive a oportunidade de explicar, punir o Conde Claros e manifestar um sentimento de reprovação face ao seu comportamento.

⁷⁹ Os versos aos quais me refiro são: “[.....] / - Tama lá uma bofetada, // não disseras a meu pai / que eu que andava ocupada.” (vv. 15-16).

aquilo que denomino “fusão de segmentos”, isto é, reúnem-se, num único segmento (um diálogo, por exemplo), dois segmentos que pertencem a romances distintos. Proporcionando coerência entre o contaminador e o contaminado, no sentido de dar credibilidade à fábula, os romances imiscuem-se. No mínimo, verifica-se, em certas versões, um arrastamento de motivos entre o romance contaminador e o contaminado, ou vice-versa. Consequentemente, discernir onde começa um romance e acaba outro transforma-se numa tarefa complexa e ingrata, conduzindo não raro a erros de classificação⁸⁰. Entre a contaminação e o “Conde Claros en hábito de fraile” existem, por vezes, versos de grande ambiguidade que resistem a enquadrar-se num ou noutra romance, por apresentarem elementos comuns aos dois⁸¹.

Mas para além destes casos de enlace referidos que adquirem, devo admitir, uma representatividade não muito significativa no *corpus*, temos maioritariamente uma clara demarcação de fronteiras entre a contaminação e o “Conde Claros en hábito de fraile”⁸².

⁸⁰ Deparei-me com sérias dificuldades, nalgumas versões, em encontrar fronteiras entre romances. Em muitas delas, as dúvidas persistem. Note-se que a acção da Tradição sobre o poema oral leva a um progressivo entrosamento entre os romances contaminador e contaminado, numa tentativa de construção de um produto uno, coerente no que concerne ao sentido e à forma. Sem querer apresentar conclusões de geografia folclórica, penso que será possível detectar zonas mais arcaizantes, onde a separação entre os romances é menos nebulosa (veja-se a tradição transmontana, por exemplo).

⁸¹ Encontramos uma “fusão de segmentos” na versão (26), recolhida no distrito de Castelo Branco. No segmento final de “La infanta parida”, o pai da rapariga dialoga com a sobrinha após ter descoberto que esta levava o seu neto com ela. É neste segmento (diálogo entre tio e sobrinha) que é anunciada a condenação da donzela, ou melhor, o final da contaminação funde-se com o início do “Conde Claros”. Estes são os versos em causa: “ - Retira-te daqui, sobrinha, / roubadora da minha casa, // que a tua malvada prima / amanhã vai ser queimada” (vv. 34-35). Estamos, ainda, no domínio de “La infanta parida” mas, ao mesmo tempo, estamos já no “Conde Claros”. Outro caso frequente de miscigenação entre romances é o de “Aliarda” com o “Conde Claros”. Na versão (102), de Bragança, o discurso final dos irmãos de “Aliarda” é já o discurso de condenação da donzela do “Conde Claros”, senão, vejamos: “Diz o mais velho: / - Vamos a ir a queimá-la, na nossa família não queremos isso. // Diz o do meio: / - Será melhor desprezá-la. // Diz o mais novo: / [.....] // - Prepara, ó Albaninha, / já te deves preparar, // hoje vão fazer a lenha / e amanhã te vão queimar.” (vv. 26-30). Observamos, nestes versos, como, numa mesma cena (a do diálogo entre os irmãos), inequivocamente pertencente a “Aliarda”, a intervenção do último irmão é já, do ponto de vista discursivo e fabular, característica do “Conde Claros en hábito de fraile”. Estamos em pleno episódio da condenação. Por razões óbvias de espaço, não me é possível tratar em pormenor todos os casos que apresentam um comportamento semelhante. Limito-me a remeter o leitor interessado para as versões (37), (119), (120), (130), (173), (197) (VR-00287), (FA-00019) e (PG-00005).

⁸² Na impossibilidade de mencionar os inúmeros casos representativos, cito apenas alguns. Na versão algarvia (109), é facilmente observável onde termina “Aliarda” (“Seu irmão que isto ouviu / a seu pai

O comportamento do romance sem as contaminações

Num estudo de Braulio do Nascimento, apontava-se para que 75% das versões portuguesas do “Conde Claros en hábito de fraile” se encontrariam contaminadas⁸³. Se tivermos presente que o investigador brasileiro entende o “Conde Claros” enquanto uma composição de pequenos fragmentos que encaixam e que compõem o “*récit-type*” e, logo, o seu conceito de contaminação é muito mais abrangente do que aquele que aqui preconizo, essa percentagem poderá decrescer ligeiramente. Não obstante, sem que tenha empreendido um cálculo rigoroso a partir das versões por mim analisadas, admito que o índice de textos contaminados se manterá ainda consideravelmente elevado.

Pese embora a sua diminuta expressividade em termos globais, o “Conde Claros en hábito de fraile” continua a figurar na Tradição Portuguesa puro⁸⁴. Vejamos, então, se, sob esse formato, o romance assume um comportamento distinto.

Exceptuando, evidentemente, as versões indubitavelmente truncadas⁸⁵, a entrada no “Conde Claros en hábito de fraile” oral moderno, à semelhança do que

veio logo contar: // - Mande matar Mariana, / ai que já se deixou enganar.” - vv. 24-25). O “Conde Claros” inicia-se, de seguida, com o diálogo entre o pai e a filha: “- Confessa-te, ó Mariana, / ai ou trata de te confessar, // ai amanhã por esta hora / ai o sino há-de dobrar.” (vv. 26-27). Também na versão (196), do distrito de Bragança, há grande visibilidade na distinção de fronteiras: “Diz um irmão para o outro: / - Quem seria, ai quem era? // Era a nossa Albaninha, / que não há outra na terra. // Hoje lhe cortam a lenha, / amanhã a vão queimar. - “Aliarda” (vv. 6-7) e “Conde Claros en hábito de fraile” (v. 8). A versão (186), da Ilha da Madeira, corrobora também o que tenho vindo a mostrar. A “Aliarda” termina, claramente, com os versos “Olharam uns para os outros: / - Quem seria e quem será? // Foi a dama Galanducha, / qu’ outra mai’ linda não há.” (vv. 33-34). Segue-se o “Conde Claros”: “O pai, que ouviu isto, / logo a mandou retirar; // mandou-a pôr numa torre / p’a de lá a ir queimar.” (vv. 35-36).

⁸³ Cf. Braulio do Nascimento, “‘Conde Claros’ na tradição portuguesa”, p. 142.

⁸⁴ Seleccionei, para o provar, as seguintes versões: a (179) e a (20), recolhidas nos Açores, a (92), recolhida no distrito de Bragança, a (97), do distrito de Braga, (1), da Região Autónoma da Madeira e a (VR-00556), do distrito de Vila Real. A tradição transmontana é, de facto, a mais fértil em versões não contaminadas.

⁸⁵ Por exemplo, a versão madeirense (65), que se inicia com o episódio da confissão e que denota, acima de tudo, a perda de memória do informante.

sucedida com as versões previamente contaminadas, faz-se, maioritariamente, no episódio da condenação⁸⁶. Outra possibilidade análoga à das versões contaminadas é a “apertura” no segmento do encerramento da menina, anterior à condenação⁸⁷. Poderemos, então, concluir que a Tradição, sempre que o “Conde Claros en hábito de fraile” não é antecedido por contaminações, parece não tender a omitir os segmentos iniciais, pois, nesse caso, eles revelam-se necessários para o enquadramento da história. Dizer-se que a infanta vai a queimar reveste-se, aqui, de uma importância vital. Nas versões contaminadas, essa função de enquadramento é cumprida, podemos afirmar, pela contaminação. Por conseguinte, essas cenas tornam-se supérfluas.

Um aspecto digno de destaque é a influência de um motivo próprio de uma determinada contaminação em versões não contaminadas do “Conde Claros en hábito de fraile” e ainda que o texto que nos chega não aparente estar incompleto. Na versão (1), não contaminada, recolhida na Ilha da Madeira, o “Conde Claros” abre com a cena da condenação. “ - Que tendes, Claralinda? / Ah, que feio teu trajar! // Apronta-te, Claralinda, / qu’ amanhã vais a matar.” (vv. 1-2). Do ponto de vista discursivo, detectamos, no hemistíquio 1b., uma insinuação da gravidez, motivo presente em “La infanta preñada”. O mau cair da saia é a circunstância que desperta as suspeitas paternas da gravidez, neste romance. Todavia, tudo não passa de uma sugestão, da mera adopção de um motivo, visto que, ao nível fabular, estamos inequivocamente no domínio do “Conde Claros”.

⁸⁶ Confirme-se com a versão inédita (VR-00556), do distrito de Vila Real, cuja “apertura” é a seguinte: “ - Palomba, Palombinha, / mal soubeste apalombar, // hoje cortam-te a lenha / e amanhã vão-te queimar.” (vv. 1-2). Este início é tipicamente transmontano.

⁸⁷ A comprová-lo estão duas versões açorianas, a (179) e a (20), que têm início de forma muito semelhante. Atentemos na “apertura” da segunda: “Claralinda está presa, / seu pai a manda matar; // seu tio a veio ver, / seu primo a visitar.” (vv.1-2). A estas versões terei a oportunidade de regressar adiante. Já nos textos antecidos por contaminação, a tradição madeirense apresenta um conjunto de versões em que a entrada no “Conde Claros en hábito de fraile” se dá na cena do encerramento. As tradições insulares parecem, pois, convergir neste aspecto.

Em síntese, a observação mais relevante a extrair destas palavras é a evidência de que o nosso romance, quando não antecedido por contaminações, apresenta uma consistente capacidade de resistência ao desmembramento dos segmentos iniciais, ao invés do que sucede com as versões contaminadas, mais predispostas, neste caso particular, à acção inovadora da Tradição.

O estudo das unidades narrativas do “Conde Claros en hábito de fraile”

Analisado que se encontra um conjunto de aspectos relativos às contaminações iniciais e ao modo como a Tradição Portuguesa desenvolve nexos de ligação entre estas e o “Conde Claros en hábito de fraile”, debruçemo-nos, daqui em diante, e de forma detalhada, sobre cada unidade narrativa do romance.

Retomemos os contactos entre a Tradição Antiga e a Tradição Moderna Portuguesa. Sugiro, para esse efeito, um estudo comparativo dos itens comuns às duas tradições, tendo em conta, para o efeito, a divisão estabelecida em torno do romance velho e partindo de algumas questões estruturantes do ponto de vista da fábula, da intriga e do discurso, na perspectiva do duplo movimento de conservação e invenção tradicionais.

IV.1 A infanta é encerrada numa torre (a “prisão”)

A partir deste segmento inauguram-se as correspondências entre o romance velho “A caza va el emperador” e a Tradição Oral Moderna Portuguesa.

No texto impresso no século XVI, a infanta é presa pelo pai, após a confirmação da sua gravidez⁸⁸. A descrição proporciona expressivos efeitos de pendor visualista: entrevemos a escuridão da prisão e a infanta rodeada de água até à cintura, para que a sua carne apodreça. À Tradição Antiga não basta anunciar a prisão da donzela. Notamos um esforço em acentuar a crueldade do acto, mostrando-se o ambiente físico que envolve a infanta na prisão.

Já a Tradição Oral Moderna Portuguesa, mais económica e selectiva, reduz ao mínimo a descrição (ou melhor, omite por completo toda e qualquer descrição das circunstâncias da prisão). Na verdade, raras são as versões que conservam este segmento. Parece, pois, que a Tradição Moderna não o considera essencial para o desenvolvimento da história⁸⁹. Assim, as sub-tradições que conservam este item (ainda que resumido ao mínimo, isto é, à mera referência à prisão) são a madeirense⁹⁰, a de Castelo Branco⁹¹, a de Portalegre⁹² e a açoriana⁹³. Nesta

⁸⁸ Os versos em causa são: “Mando la prender su padre / y meter en escuridad / el agua hasta la cinta, / porque pudriese la carne / y perezca la criatura / que no viua de tal padre” (vv. 47-52).

⁸⁹ De facto, a maior parte das versões recolhidas em território português inicia o romance a partir do episódio da condenação, tal como já tive a oportunidade de afirmar.

⁹⁰ Remeto para a versão inédita (MA-00095): “ - Se eu soubêra de ser ela, / eu a mandaria chamar, // p’ra fechar em altas torres / e de lá mandava queimar.” (vv. 12-13). Vejam-se ainda as versões (MA-00240), (61), (74) e (186). Saliente-se que existem versões da tradição madeirense que fazem referência à “torre”, local onde a menina é presa, o que não surge em mais nenhuma região portuguesa.

⁹¹ Atente-se no v. 10 da versão (17): “A mãe, assim que o soube, / logo a mandou fechar”. Veja-se ainda a versão (43). Nestes textos, identificamos uma evidente relação com o romance “Delgadina” (0075), no que respeita à situação do aprisionamento da donzela pelo pai, o que justifica uma apropriação do motivo da torre e, conseqüentemente, do discurso próprio deste romance. Remeto, a título elucidativo, para as versões 1189 (“O seu pai quando tal soube / [.....] // mandou fazer uma torre / p’r’ Aldininha ‘tar fuchada”) e 1191 (“O seu pai assim que soube / ño mandou fazer mais nada, // mandou fazer uma torre / p’ra Adelina estar fechada) da seguinte obra: Pere Ferré, com a colaboração de Sandra Boto, *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, III volume, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

⁹² Refiro-me a uma versão única, a (176), cujos versos exemplificativos são: “O pai, que tal ouviu, / em vez de correr, saltava, // pegou-lhe pela mão / e num quarto a fechava.” (vv. 6-7). De facto, a necessidade de expressão do aprisionamento e da celeridade desencadeou o reaproveitamento de uma fórmula pertencente ao romance “Ronda a una mujer malcasada” (0167), testemunhada na mesma área geográfica. Para mais detalhes, cf. id., *op. cit.*, versão nº 878.

⁹³ Também nesta tradição o segmento da prisão encontra-se presente em duas versões, a (20) e a (179), ambas de Velas, Ilha de S. Jorge, e ambas sem contaminações iniciais. O incipit é idêntico, nos dois textos: “Claralinda está presa, / seu pai a manda matar;” (v. 1). Contudo, a segunda versão foi mal catalogada na *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)* (vide p. 232). O segmento da prisão, ainda que tenha perdido o fôlego descritivo da Tradição Antiga e se

perspectiva, podemos afirmar tratarem-se de zonas que reflectem um maior conservadorismo face ao texto antigo, visto preservarem um elemento da estrutura fabular do romance cuja memória a Tradição Portuguesa quase perdeu por completo.

V. 1 e V.2 A visita dos cavaleiros e a condenação da donzela (a “condenação”)

Na Tradição Antiga impressa, a infanta, encarcerada, recebe a visita dos cavaleiros, os quais a vão informar da sua morte⁹⁴. Na Tradição Portuguesa, é, regra geral, a partir da “condenação” que se verifica a correspondência com o texto antigo “A caza va el emperador” no que respeita à estrutura temática do romance⁹⁵, ainda que, como atrás explicitiei, se verifique um enfraquecimento desse episódio, que chega, inclusivamente, a desaparecer, nalguns textos. Vejamos, então, de que forma a Tradição Moderna Portuguesa trabalha esta cena e, eventualmente, reelabora a sua configuração.

Já vimos que, na Tradição Antiga, quem assume o papel de portador da notícia é uma personagem colectiva, os cavaleiros, personagem essa que se enquadra na perfeição no ambiente cavaleiresco que é apanágio do romance velho. Na Tradição Portuguesa, os cavaleiros são substituídos por uma pluralidade de possibilidades denunciadoras da mão criativa da tradição.

Antes de mais, devo salientar que, num abundante número de versões, a donzela não é, tão-pouco, directamente informada da sua condenação, ao contrário

resuma a uma breve comparência - um hemistíquio - denota, afinal de contas, uma maior capacidade de retenção da estrutura antiga do romance por parte da tradição açoriana. Contudo, a prisão da donzela e a visita dos primos à prisão “Foi um primo e uma prima / para a irem visitar - v. 2) foram erroneamente entendidos nesta obra enquanto contaminação com o “Conde Claros preso”.

⁹⁴ “los caualleros de su casa / se la yuan a mirar / pesa nos de vos señora / quanto nos puede pesar / que de oy en quinze dias / el emperador os manda quemar” (vv. 53-58).

⁹⁵ Não esqueçamos, contudo, que essa correspondência poderá ser alargada nas versões contaminadas com “La infanta preñada”, se entendermos que ela já se encontra presente em “A caza va el emperador”.